

Onésimo Teotónio Almeida sobre ‘Diálogos Lusitanos’, o seu mais recente livro “Os ‘meus’ Açores não seriam os mesmos se não tivessem existido figuras como Antero de Quental, Vitorino Nemésio, José Enes e tantos outros. Seriam muito mais pobres”

Onésimo Teotónio Almeida apresentou em Ponta Delgada ‘Diálogos Lusitanos’, o seu mais recente livro, onde dialoga com autores portugueses do século XX, como Vergílio Ferreira, José Saramago, Eduardo Lourenço, Natália Correia, José Enes e Jorge de Sena. Aqui, tal como acontece no todo da sua obra, as reflexões do autor de ‘O Século dos Prodígios’ não se cingem apenas ao texto ou à obra literária propriamente dita, mas incluem a ética e a estética como dimensões indissociáveis — tal como afirma: “As mundividências das pessoas e das nações, que englobam os valores de fundo por que se regem as pessoas e as colectividades, foi sempre a questão central dos meus estudos e escritos.” À excepção de Fernando Pessoa, Onésimo Teotónio Almeida conheceu todas as figuras que integram os diálogos deste livro, muitos dos quais seus amigos de longa data. No entanto, por tudo o que não pôde resumir nesta entrevista, o autor apresenta-nos uma espécie de roteiro onde podemos encontrar momentos caricatos, reflexões e histórias, como a que protagoniza Natália Correia em ‘Quando os Bobos Uivam’. Para além disso, o professor catedrático da Universidade de Brown, nos EUA, que ao longo de mais de 50 anos se tem dedicado a quebrar as “espessas barreiras” entre o mundo anglofónico e lusófono, afirma que ainda tem esperança em fomentar um diálogo mais aberto sobre a cultura portuguesa num país onde ainda “não há grandes debates intelectuais”.

Correio dos Açores – ‘Diálogos Lusitanos’ explora não só as obras mas também os valores éticos e estéticos de várias figuras da cultura portuguesa. O que o motivou a centrar-se nesses temas em vez de se focar apenas na dimensão literária? Considera que são domínios indissociáveis?

Onésimo Teotónio Almeida (Escritor, Filósofo, Professor Universitário) — Tenho feito isso toda a minha vida profissional. A minha tese de doutoramento em Filosofia foi sobre a questão da ideologia. As mundividências das pessoas e das nações, que englobam os valores de fundo por que se regem as pessoas e as colectividades, foi sempre a questão central dos meus estudos e escritos. Tenho-me dedicado a elas do ponto de vista teórico, mas também tenho aplicado a problemática das mundividências ao caso português e açoriano. Por exemplo, no mesmo ano em que defendi a minha tese (1980), publiquei um longo ensaio intitulado ‘A profile of the Azorean’. Os cursos que leccionei na Brown centravam-se todos



“A estética reflecte sempre valores éticos.”

em torno dessa temática. Até mesmo quando leccionei um curso de literatura açoriana usei a literatura para os alunos penetrarem no interior de questões de fundo da cultura açoriana.

Num curso de Filosofia que leccionei na Brown durante 42 anos, estudámos Nietzsche, Marx, Max Weber e outros pensadores da modernidade e a grande questão de fundo eram as suas visões do mundo e os valores éticos subjacentes a essa visão. A estética reflecte sempre valores éticos. Onde se infere a indissociabilidade entre os dois campos. Todos os meus escritos, mesmo os contos, as crónicas e o teatro, reflectem esses interesses teóricos centrais nas minhas preocupações pessoais e existenciais. Quem ler qualquer dos meus livros sob essa luz vai reconhecer o que acabo de dizer.

O seu livro é estruturado em forma de conversas com figuras centrais da cultura portuguesa do século XX. O que o levou a escolher essa fórmula? Para si, qual é a vantagem de usar essa abordagem?

Não se trata propriamente de uma escolha, pelo menos não a nível consciente. Sou constantemente solicitado para contribuir com artigos para revistas e livros colectivos, ou para fazer conferências aqui e ali. Muitos desses convites são para assinalar efemérides como centenários de nascimento ou morte de uma figura. Natália Correia, Eduardo Lourenço,

daria um volume coerente. Em 2015 publiquei, também na Quetzal, um outro semelhante — ‘Despenteando Parágrafos’. Até sobre autores açorianos também publiquei um livro no género — ‘Mínima Azórica’. ‘O meu mundo é deste reino’ (Companhia das Ilhas, 2014).

Consegue imaginar os Açores sem essas figuras do seu passado?

Não. Os “meus” Açores não seriam os mesmos se não tivessem existido figuras como Antero de Quental, Vitorino Nemésio, José Enes e tantos outros. Seriam muito mais pobres e não teríamos aprofundado tanto a sua consciência colectiva, nem conheceriam tão bem as forças dominantes da sua história. Um número considerável de açorianos não teria sido inspirado e incentivado por essas figuras tutelares.

Conviveu pessoalmente com alguns dos autores mencionados no livro. Como foi essa experiência de proximidade com figuras tão distintas da literatura e cultura portuguesa?

Foi uma experiência muito enriquecedora. Quando se convive com gente que sabe mais do que nós, aprende-se sempre muito. Desde jovem, tive esse privilégio de conviver com grandes mestres que se tomaram meus mentores. José Enes foi fundamental na minha vida. O meu contacto com ele iniciou-se quando eu tinha 13 anos. Não era meu professor, mas eu era chefe de curso e ele era Prefeito de Estudos. Tivemos de interagir e ele começou a emprestar-me livros, recomendando-me esta e aquela leitura. Mas isso foi só o começo. Ensinou-me imenso toda a vida e isso não se pode resumir numa entrevista. Já escrevi bastante sobre ele. A última vez foi há dias num colóquio em Lisboa, comemorativo do centenário do seu nascimento, e não está ainda publicado.

Fui amigo pessoal de Eduardo Lourenço e convivi com ele durante quatro décadas. Cheguei a tê-lo uns meses na Brown como professor convidado. Também fui amigo de Vergílio Ferreira. Tive-o na Brown apenas de visita uns dias, mas encontrava-me regularmente com ele sempre que ia a Lisboa, e correspondíamos. O seu diário Conta-Corrente dá conta disso. Conheci a Natália Correia em 1978 quando a convidei a ir à Brown, mas contactámos muitas vezes até à sua morte em 1993. José Saramago contactou comigo já tarde, em 1995, manifestando desejo de ir aos EUA, quando ainda não era Prémio Nobel. A seu pedido, organizei-lhe uma tournée, mas ele teve de adiá-la para o ano seguinte. A partir de 1996, contactámos muitas vezes, correspondemo-nos e até colaborei com ele em alguns projectos. Um deles ficou incompleto porque entretanto faleceu. Perdi-me que organizasse uma sessão

“Em Portugal não há grandes diálogos intelectuais. Cada um monologa para seu canto. Quando alguém interpela um escrito de outrem para dialogar em discordância, isso é visto como uma crítica ou um ataque. Antigamente, eclodiam as famosas polémicas públicas e ganhava quem dava pauladas mais fortes.”

Fernando Pessoa, José Enes, Vergílio Ferreira, José Saramago, por exemplo. Escrevo do ponto de vista dos meus interesses teóricos e por isso acabo escrevendo sobre a mundividência e valores de fundo das suas personalidades e vida. Estou a terminar um livro sobre a questão da modernidade, mas entretanto tinha acumulado um conjunto grande de escritos diversos em resposta a convites vários, e achei que isso

“Insurjo-me contra a escrita desnecessariamente complexificada cuja intenção é a de esconder que o autor não tem muito a dizer..”

sobre Literatura Açoriana na Casa do Alentejo em Lisboa, depois de eu ter organizado uma sobre José Rodrigues Miguéis, que ele admirava muito (fiz com que a correspondência entre ambos fosse publicada). O seu propósito era chamar a atenção dos lisboetas para a grande tradição literária dos Açores.

O meu contacto com Jorge de Sena e José Rodrigues Miguéis foi curto porque eles morreram poucos anos depois da minha chegada aos EUA. Mas ainda tive Jorge de Sena num colóquio na Brown; e está na Brown o espólio de José Rodrigues Miguéis, que me foi oferecido pela viúva. Quer dizer: não só eu contactava com esses autores, mas ia também lendo os livros que iam publicando.

No caso de Fernando Pessoa, nasci onze anos depois da sua morte por isso não podia tê-lo conhecido. No entanto, escrevi um livro sobre ele – ‘Pessoa, Portugal e o Futuro’. Além disso, faço parte da equipa directora da única revista sobre o poeta – ‘Pessoa Plural’ - publicada na Brown. Mas este meu livro tem outros textos que não são sobre figuras. Incluí, por exemplo, o meu discurso do 10 de Junho de 2018, lido na cerimónia de Ponta Delgada a convite do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, e incluí ainda, entre vários outros, um texto sobre o 25 de Abril apresentado na Academia das Ciências de Lisboa.

Pode partilhar alguma memória ou episódio caricato que tenha vivido com alguns desses autores?

Qualquer um deles ocuparia demasiado espaço pois eu teria de explicar os contextos. Mas os leitores interessados poderão encontrar uma longa história em que entra a Natália Correia e que contei numa narrativa de setenta páginas no meu livro ‘Quando os Bobos Uivam’ (2013). Uma outra série de episódios que envolve António Lobo Antunes, entre outros escritores, ocorreu em Ponta Delgada em 1987. Tenho sobre ele um dossier de quase uma centena de páginas. Impossível resumir aqui. Todavia nunca o publicarei porque prefiro narrar histórias divertidas sem achincalhar as pessoas. Por isso, quando conto algumas menos edificantes, cinjo-me rigorosamente aos factos. Muitos deles ocorreram motivados por equívocos, desconhecimentos de contextos culturais, ou circunstâncias da vida que afectam decisões das pessoas sem que elas tenham necessariamente culpa. Coisas que acontecem a qualquer um, inclusivamente a mim. Mas tenho histórias divertidas passadas com Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira, Jorge de Sena, Manuel Alegre e tantos outros (e só estou a mencionar portugueses) em livros de crónicas como ‘Que Nome É esse, ó Nézimo?’ (1994), ‘Viagens na Minha Era’ (2001) e ‘Livro-me do Desassossego’ (2008).

Após O ‘Século dos Prodigios’ sentiu alguma mudança no seu processo criativo ao escrever ‘Diálogos Lusitanos’? Quais foram os principais desafios ou surpresas durante a escrita deste livro?

O ‘Século dos Prodigios’ é um livro que reúne ensaios escritos ao longo de 38 anos. Durante esses mesmos anos escrevi centenas de outros ensaios, artigos, crónicas e contos. Alguns dos escritos de ‘Diálogos Lusitanos’



“Procurei ao longo de cinquenta anos quebrar espessas barreiras no mundo anglófono altamente resistentes a tudo o que tivesse a ver com o mundo lusófono...”

“Os ‘meus’ Açores não seriam os mesmos se não tivessem existido figuras como Antero de Quental, Vitorino Nemésio, José Enes e tantos outros. Seriam muito mais pobres e não teríamos aprofundado tanto a sua consciência colectiva, nem conheceriam tão bem as forças dominantes da sua história. Um número considerável de açorianos não teria sido inspirado e incentivado por essas figuras tutelares.”

são anteriores a ‘O Século dos Prodigios’, como é o caso do ensaio sobre José Enes, ou esse outro sobre o humor na literatura portuguesa. No entanto, a maioria deles é posterior. Mas repito o que já lhe disse: este livro reúne diversas intervenções minhas nos últimos anos em Portugal, nos Estados Unidos, em França e no Brasil. Reflectem os interesses que mantenho há meio século. Mas o meu processo de escrita tem sido o mesmo ao longo de todo este tempo. A diferença está nos géneros literários usados. Quando escrevo contos ou crónicas, as regras são umas; quando escrevo ensaios, elas são outras. Todavia a problemática de fundo mantém-se consistente.

tem muito a dizer mas tem de dar a impressão contrária.

Como vê a recepção da literatura e cultura portuguesa no exterior e, em especial, nos Estados Unidos? Acha que é devidamente valorizada, ou ainda há caminhos a percorrer?

Um dos textos deste livro é precisamente sobre isso e não posso resumir aqui em meia dúzia de palavras. Direi apenas que procurei ao longo de cinquenta anos quebrar espessas barreiras no mundo anglófono altamente resistentes a tudo o que tivesse a ver com o mundo lusófono. Não fui o único empenhado nessa luta, contudo fiz a minha parte. Demorou a ter efeitos, todavia nas últimas duas décadas a situação tem melhorado bastante, particularmente depois do Nobel atribuído a Saramago. Por exemplo, foi difícil fazer Fernando Pessoa entrar no universo anglófono. Os esforços individuais de figuras várias foram aos poucos conseguindo abrir brechas.

Hoje, a grande editora ‘New Directions’, de Nova Iorque, está a publicar várias traduções de Pessoa. Muitas obras de Saramago estão traduzidas para inglês. Mas eu conto isto tudo no livro. O que não conto é que, mesmo na aposentação, continuo empenhado nesse domínio: co-dirijo na Tagus Press, da Universidade de Massachusetts Dartmouth, uma série de obras literárias açorianas em tradução; na editora Dilvívio, de Lisboa, com a colaboração da Leonor, minha mulher, estamos a colaborar na edição de traduções dos grandes poetas portugueses. Já circulam por aí traduções para inglês, espanhol, italiano, francês e japonês. Também na Liverpool University Press, do Reino Unido, co-dirijo uma colecção de obras sobre temática lusófona. Aqui há décadas tudo isso seria impensável.

Daniela Canha

“Defendo a clareza da linguagem desde os meus anos de aluno do Seminário de Angra. Quando estudante na universidade em Lisboa, escrevi em jornais insurgindo-me contra a escrita empolada e presunçosa que dominava a imprensa de então se bem que em parte a técnica do empolamento e/ou do hermetismo fosse motivada pelo receio da censura (...). Não sou contra a linguagem formal. Os estilos de linguagem devem adaptar-se aos diversos níveis de formalidade...”

Defende que a clareza de linguagem é essencial para uma boa comunicação. Como reage à tendência para uma escrita mais formal e ornamentada na academia?

Defendo a clareza da linguagem desde os meus anos de aluno do Seminário de Angra. Quando estudante na universidade em Lisboa, escrevi em jornais insurgindo-me contra a escrita empolada e presunçosa que dominava a imprensa de então, se bem que em parte a técnica do empolamento e/ou do hermetismo fosse motivada pelo receio da censura. Toda a minha educação filosófica nos EUA foi no sentido do aprofundamento das grandes questões do pensamento ocidental em linguagem entendível pelas pessoas envolvidas na conversação. Não sou contra a linguagem formal. Os estilos de linguagem devem adaptar-se aos diversos níveis de formalidade. Aquilo contra o que me insurjo é a escrita desnecessariamente complexificada cuja intenção é a de esconder que o autor não